



Editorial

A Literatura como Mediadora em Educação e Saúde Mental

Alicia Kachinovsky

Facultad de Psicología| Universidad de la República,
Uruguay

alicia.kachinovsky@gmail.com | ORCID: 0000-0002-1611-6329

Ana Mourato

Escola Superior de Educação| Instituto Politécnico de Santarém
ana.mourato@ese.ipsantarem.pt | ORCID: 0000-0003-4133-7219

A literatura, ao aproximar a palavra da experiência humana, torna-se um território de encontro entre emoção e pensamento, um espaço onde se elaboram sentidos e se constroem vínculos. Neste número da revista *Interacções* propomos esta viagem, onde a leitura, enquanto prática simbólica, abre caminhos de expressão e de escuta, permitindo que a subjetividade se manifeste e se transforme.

O contacto com o livro e com a narrativa literária permite integrar linguagem, pensamento e afeto, criando um espaço simbólico onde a aprendizagem e o desenvolvimento se integram de forma harmoniosa. A experiência literária envolve o sentir, o imaginar e o pensar, promovendo a emergência de novas formas de expressão e de relação num espaço intermediário - na aceção winniciottiana - entre a realidade interna (subjetiva) e a realidade externa (objetiva).



O processo de seleção da literatura tem igualmente um peso transformador. Percebe-se isso mesmo ao longo dos artigos, na medida em que os critérios que levam a essa escolha são, eles próprios, lugares de reflexão e sensibilidade. Como salienta Ramos (2024), a seleção literária é sempre um ato de mediação e de responsabilidade cultural, que exige sensibilidade estética, conhecimento crítico e consciência das múltiplas dimensões que compõem a experiência literária. A literatura, independentemente da faixa etária do leitor, deve ser entendida como arte — um espaço de plurissignificação e de abertura interpretativa, onde texto, imagem e leitor se encontram na construção de sentidos. O livro, enquanto objeto simbólico, convida à participação ativa, à reflexão e ao diálogo, funcionando como mediador entre o sentir e o pensar, entre o individual e o coletivo. Esta dimensão estética e relacional confirma a literatura como território de encontro e transformação, capaz de promover processos de desenvolvimento emocional, cognitivo e social ao longo de toda a vida.

Ao longo dos artigos deparamo-nos com estes lugares, que vão desde a seleção criteriosa, ao poder do impacto literário na educação e saúde mental, intercruzando a área da educação, da psicologia, psicanálise e saúde mental. Sá (2021), enfatiza este lugar de diálogo da literatura, educação e psicologia, e convida-nos a pensar a educação como um processo que se constrói a partir da escuta, da relação e da profundidade do encontro humano. Como refere a psicanalista, pensar a educação a partir da psicanálise é reconhecer que cada encontro educativo é único, e que ensinar e aprender implicam sempre processos de co-reflexão, escuta e humanização. Assim, a literatura, a educação e a psicanálise convergem num mesmo horizonte: o da humanização. Ambas se fundam na palavra — dita, lida ou escutada — como via de construção de sentido, reparação e encontro. A literatura, quando atravessa o campo educativo e clínico, torna-se mediadora de processos internos e relacionais, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura de sensibilidade e reflexão, essencial à saúde mental e à educação ao longo da vida.

Este número da revista *Interacções* - A Literatura como Mediadora em Educação e Saúde Mental - reúne contributos de investigadores e profissionais de diferentes áreas (educação, psicologia, psicanálise e literatura) que, em diálogo, interrogam as formas pelas quais a



linguagem literária pode promover processos de desenvolvimento, cuidado e transformação subjetiva.

O artigo “A Leitura de Histórias no Pré-Escolar como Estratégia para o Desenvolvimento da Resiliência, Bem-Estar, Autonomia e Interação Social”, de Paula Tormenta, Natalie Santos e Carolina Carvalho, apresenta um estudo empírico com crianças do pré-escolar. As autoras demonstram como a leitura de histórias potencia a reflexão sobre experiências socioemocionais, promovendo o bem-estar, a autonomia e a resiliência. A literatura, nesse contexto, é entendida como alicerce do desenvolvimento integral e do equilíbrio emocional na infância.

No artigo “Un cruce entre literatura y clínica psicoanalítica a partir de una obra de Clarice Lispector”, Diego Javier Pezo Pfenning propõe um diálogo fecundo entre a literatura e a psicanálise. A partir de um caso clínico e da escrita poética de Clarice Lispector, o autor explora o conceito de poiesis na prática terapêutica, evidenciando a função da palavra literária como via de expressão do indizível e de elaboração simbólica na clínica psicanalítica.

No artigo “Clube do Livro: Literatura como possibilidade para o desenvolvimento psíquico”, Rosana Aparecida Albuquerque Bonadio, Letícia Ereno Colombo, Alessandra Brito de Souza, Nicoly Pelegrini Santos, Isabella de Lima Cardoso e João Victor Casimiro de Oliveira apresentam uma intervenção de estágio em Psicologia Escolar com crianças do ensino fundamental. A experiência, alicerçada na Psicologia Histórico-Cultural, mostra como a literatura infantil, mediada de forma intencional e estruturada, pode favorecer o desenvolvimento de funções psíquicas superiores e o pensamento crítico, fortalecendo a unidade entre o afeto e a cognição.

O artigo “Histórias Infantis como Mediadoras do Desenvolvimento Emocional e Intercultural na Infância”, de Cátia Hilário Santos, discute o papel das histórias como recursos pedagógicos para a promoção da empatia, da escuta e do respeito pela diversidade. Sustentada numa abordagem humanista e democrática, a autora destaca o papel do educador enquanto mediador cultural, capaz de transformar a leitura num espaço de convivência afetiva e de valorização da diferença.



“Biblioterapia em tempos de crise climática: propostas do uso da literatura infantil como forma de acolhimento pós-enchentes do Rio Grande do Sul”, de Luana Daniela Ciecelski e Jaimeson Machado Garcia, aborda o papel da literatura no cuidado emocional de crianças afetadas por desastres ambientais. A partir de uma reflexão sobre práticas biblioterapeúticas, os autores defendem a escola como território de escuta e reconstrução subjetiva, onde a leitura se torna ferramenta de resiliência diante das perdas e traumas provocados pelo colapso climático.

Em “Mediação literária e formação de leitores: um olhar sobre A parte que falta, de Shel Silverstein”, Ilsa Goulart e Nathália Andrade Karpinski refletem sobre a linguagem literária como fenômeno social e interativo. Com base em Bakhtin, analisam a narrativa como espaço de diálogo e de constituição do sujeito, destacando como a (in)completude vivida pelos leitores espelha os movimentos de construção identitária. A literatura, aqui, é mediadora de sentidos e promotora de uma consciência de si e do outro.

No artigo “Água Viva Clube de Leitura: travessias literárias”, Jeinni Kelly Pereira Puziol e Ana Cristina Teodoro da Silva apresentam uma experiência pedagógica não formal desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá, no Brasil. O Clube de Leitura “Água Viva”, nascido durante a pandemia, é pensado como um espaço de afeto e de incerteza, no qual a literatura atua como força vital e mediadora de encontros. As autoras, inspiradas em Freire, Berardi, Coelho e Todorov, mostram como a leitura partilhada se torna um gesto de resistência e criação diante da aceleração das mídias e do empobrecimento da linguagem.

Por fim, em “Carne o leer con adolescentes”, María Cecilia Rodríguez da Silveira, psicanalista e especialista em literatura infantil e juvenil, partilha experiências de leitura com adolescentes em contextos de escuta e expressão simbólica. A autora revela como os encontros literários criam um espaço privilegiado de elaboração do que é vivido e sentido, mobilizando palavras que permitem dizer o indizível e transformar o mal-estar em narrativa.

Os artigos reunidos neste número convidam à travessia entre o literário e o clínico, o educativo e o simbólico. Cada texto é um gesto de escuta e de escrita que reafirma a centralidade da palavra como lugar de encontro e transformação. A literatura, aqui, não é



apenas objeto de análise, mas aliada de jornada — um espaço onde a educação e a saúde mental se entrelaçam, abrindo caminhos para um pensar e um sentir mais humanos.

Ana Mourato



Este número temático se ha abocado al uso del texto literario como mediador del desarrollo cognitivo, psíquico y social, tanto en contextos educativos como en aquellos otros que promocionan la salud mental. La propuesta se inspira en la diversidad de cometidos y funciones atribuidas a la narrativa: su rol estructurador de la identidad, su tarea historizadora, la asignación de significados a los sucesos del mundo real (organizando el desorden de la experiencia), sus propiedades y usos terapéuticos, su prevalencia como disposición protolingüística que impulsa la adquisición de las estructuras gramaticales en pos del sujeto alfabetizado, etc.

Desde el punto de vista psíquico, los objetos mediadores cumplen funciones de ligazón a nivel mental entre representaciones provenientes de diferentes fuentes. En particular, el texto narrativo se presta como espacio de proyecciones múltiples: los enlaces establecidos entre los conflictos ficcionales y las novelas familiares de los lectores constituyen desenlaces posibles, alternativos e inéditos.

Se produce así un engrosamiento de la trama representacional por donde circulan los afectos. Habilitan asimismo el diálogo entre la realidad interna y la externa, entre lo subjetivo y lo objetivo, entre lo intelectual y lo afectivo, entre lo individual y lo social, entre lo singular y lo colectivo. La institución del saber hoy reconoce que esa interlocución entre lo racional y lo emocional es condición sine qua non para que el aprendizaje transite por las vías más auspiciosas.

Es preciso aceptar que no todo relato tiene la misma potencia instituyente, ya se trate de breves escritos o de grandes obras de la literatura universal, con independencia de la edad o del nivel educativo en cuestión. Sus cometidos pueden ser, además, antagónicos: emancipando, encandilando o sometiendo al sujeto. Las instituciones sociales y los grupos de poder tienden a imponer relatos que coartan la capacidad reflexiva de las personas. Sin embargo, es justo admitir que hay relatos que por sí solos pueden llegar a tener efectos liberadores sobre la persona. Con esta perspectiva, se incluye el objetivo de trabajar en el modelado de la identidad por medio del recurso narrativo. Dicho modelado se relaciona con la posibilidad de significar experiencias vividas fragmentariamente, por medio de la conformación de nuevas tramas o de la reestructuración de las existentes.



Frente a la necesidad de crear un entramado ligador, la producción literaria es usada como una red significativa que permite reorganizar vivencias sin sentido. Del mismo modo que cada construcción psicoanalítica debe ser considerada como una conjeta a legitimar o impugnar por el analizando (Freud, 1937), cada producción literaria es contrastada con el devenir psíquico del sujeto.

En contextos escolares, la literatura cumple también una función vinculante entre distintas culturas y subculturas, donde un código lingüístico restringido podría devenir en un código lingüístico elaborado. En los primeros tiempos de la vida la escuela puede constituir una segunda oportunidad para quienes han recibido en el ámbito familiar un caudal simbólico limitado.

Por otra parte, tanto en la esfera educativa como en la de la salud mental, si algo se procura rescatar a cuenta del relato de autor es la dimensión humana y humanizante de la educación, por oposición a la metáfora del hombre como máquina o de la escuela como empresa. En tal sentido, siempre debe apostarse a transitar experiencias subjetivantes.

Alicia Kachinovsky

Referências Bibliográficas

- Freud, S. (1937). *Construcciones en el análisis*. In Obras Completas (Vol. 23, pp. 265–278). Amorrortu Editores.
- Ramos, A. M. (2024). *Como escolher os melhores livros para crianças e jovens? Uma reflexão sobre o universo da literatura infantojuvenil contemporânea*. In Livro de Resumos do Colóquio – Um Soninho Colorido (Pedrinhas). Cooperativa de Solidariedade Social – Pedro Brazião Rodrigues, C.R.L.
- Sá, T., & Santos, J. (2021). O interesse da Psicanálise para a Educação. *Revista Interacções*, 17(59), 1-9. <https://doi.org/10.25755/int.2509>